

SEMANA

36

1

Dia

Lucas 12.13-21

Advertência Contra a Avareza

Encontramos nesta passagem um exemplo especial da prontidão do homem em mesclar as coisas do mundo com as coisas de Deus. Somos informados que certo ouvinte de nosso Senhor lhe pediu que o ajudasse em seus negócios materiais. Ele falou: *“Mestre, ordena a meu irmão que reparta comigo a herança”*. Provavelmente ele tinha uma vaga ideia de que nosso Senhor estabeleceria um reino neste mundo e reinaria sobre a terra. Resolveu fazer uma ousada petição a respeito de seus assuntos particulares e suplicou a intervenção de nosso Senhor no que se referia à sua herança terrena. Os outros ouvintes de Cristo talvez estivessem pensando sobre uma herança por vir. Esse homem era alguém cujos pensamentos se concentravam na vida presente.

Muitos ouvintes do evangelho são semelhantes a esse homem. Estão constantemente planejando e maquinando a respeito de coisas desta vida, mesmo sob a influência saudável das coisas eternas. O homem natural é sempre o mesmo, nem mesmo a pregação de Cristo atrai a atenção de todos os seus ouvintes. O ministro do evangelho, na atualidade, não deve ficar surpreso ao ver mundanismo e falta de atenção no meio de sua igreja. O servo de Cristo não deve esperar que seus sermões sejam mais valorosos do que os de seu Senhor.

Nosso Senhor adverte contra a cobiça. Ele recomendou: *“Tende cuidado e guardai-vos de toda e qualquer avareza”*. Seria em vão procurarmos determinar especificamente qual é o mais comum dos pecados no mundo. Seria mais correto dizer que não existe nenhum outro pecado ao qual o coração é mais propenso do que a cobiça. Foi o pecado que arruinou os anjos que caíram. Não se contentaram com seu primeiro estado e cobiçaram algo melhor. Foi o pecado que contribuiu para que Adão e Eva fossem expulsos do paraíso e para que a morte entrasse no mundo. Nossos primeiros pais não ficaram satisfeitos com as coisas que Deus lhes havia dado no jardim do Éden. Eles cobiçaram e, portanto, caíram em pecado. É um pecado que, desde a queda, tem sido a causa de miséria e infelicidade na terra. Guerras, conflitos, brigas, divisões, disputas, invejas, ódio de todos os tipos, manifestado tanto em público quanto em particular – todas essas coisas têm a mesma fonte: a cobiça.

Esta advertência pronunciada por nosso Senhor deve se arraigar em nosso coração e produzir frutos em nossa vida. Esforcemo-nos para aprender a lição que Paulo ensinou, quando disse: *“Aprendi a viver contente em toda e qualquer situação”* (Filipenses 4.11). Oremos para que tenhamos uma completa confiança na providência de Deus que supervisiona todos os acontecimentos do mundo e na perfeita sabedoria divina em todas as coisas que Ele dispõe a nosso respeito. Se temos pouco, estejamos certos disso: ter bastante não seria bom para nós. Se nos forem retirados os bens que possuímos, fiquemos satisfeitos com o fato de que há um motivo para isso. Feliz é aquele que está persuadido daquilo que é o melhor, cessou de ter desejos vãos e tornou-se contente *“com as coisas que”* possui (Hebreus 13.5).

O Senhor faz uma terrível exposição em referência à tolice de alguém ter um espírito voltado às coisas mundanas. Ele retratou um homem rico para o mundo, cuja mentalidade estava completamente centrada nas coisas terrenas. Descreveu-o como uma pessoa que fez planos quanto à sua prosperidade, como se fosse senhor de sua própria vida e tivesse apenas que dizer: *“Farei isto”* e tal coisa seria feita. Então, o Senhor Jesus conclui a exposição mostrando que Deus exigiu a alma daquele homem mundano e fez uma pergunta perscrutadora: *“O que tens preparado, para quem será?”*. Ele deseja que aprendamos: nada menos do que *“louco”* é a palavra correta que descreve a conduta daqueles que têm seu dinheiro como prioridade. *“O que entesoura para si mesmo e não é rico para com Deus”*, este é aquele que Deus declara ser um *“louco”*.

Infelizmente, o homem descrito por Jesus nesta parábola é muito comum entre nós. Milhares de pessoas, em todas as épocas, têm vivido constantemente na mesma atitude que o Senhor Jesus condenou nessa ocasião. Milhões estão fazendo a mesma coisa hoje. Estão acumulando tesouros sobre a terra e pensando somente em como aumentá-lo. Também estão continuamente aumentando seus bens, como se pudessem desfrutá-los para sempre, como se não houvesse morte, julgamento ou vida por vir. No entanto, estes são os homens que muitos chamam sábios, espertos e prudentes. São pessoas recomendadas, bajuladas e admiradas, mas Deus não vê como veem os homens, pois Ele declara que são loucos os homens ricos que vivem exclusivamente para este mundo.

Oremos pelos ricos, pois suas almas estão em grande perigo. *“O céu”*, disse um grande homem em seu leito de morte, *“é um lugar aonde vêm poucos governantes ricos”*. Mesmo convertido, o homem rico leva consigo um grande fardo e caminha em direção ao céu com grandes desvantagens. Possuir dinheiro causa um efeito endurecedor sobre a consciência. Não sabemos o que podemos fazer se nos tornarmos ricos. *“O amor do dinheiro é raiz de todos os males; e alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé e a si mesmos se atormentaram com muitas dores”* (1 Timóteo 6.10). A pobreza tem muitas desvantagens, mas a riqueza destrói mais almas do que a pobreza.

Por último, observemos nestes versículos quão importante é ser rico para com Deus. Isto expressa a verdadeira sabedoria, significa preparar-se para a existência por vir e manifesta a prudência genuína. O homem sábio é aquele que não pensa somente nas riquezas terrenas, mas também no tesouro do céu.

Quando podemos afirmar que um homem é rico para com Deus? Nunca, até que ele seja rico em graça, fé e boas obras, até que se dirija ao Senhor Jesus suplicando que lhe dê o ouro refinado pelo fogo (Apocalipse 3.18). Nunca, enquanto não tiver uma casa feita não por mãos humanas, eterna, nos céus. Nunca, até que seu nome esteja inscrito no Livro da Vida e que ele seja herdeiro de Deus e co-herdeiro juntamente com Cristo. Este é o homem verdadeiramente rico! Seu tesouro é incorruptível. Seu banco nunca há de falir. Sua herança não fenece. Os homens não podem impedir que ele a desfrute. A morte não pode arrebatá-la de suas mãos. Todas essas coisas já pertencem àquele que é rico para com Deus - as coisas do presente e as do porvir (1 Coríntios 3.22). E, o melhor de tudo, o que ele possui agora não significa nada em comparação ao que possuirá no futuro.

Riquezas como essas estão ao alcance de todos os pecadores que vierem a Cristo, para recebê-las. Não descansemos enquanto elas não forem nossas. Obtê-las pode nos custar algo neste mundo, já que poderemos ser zombados, ridicularizados ou perseguidos. No entanto, nos consolemos com o pensamento de que o Juiz de todos afirma: *“Tu és rico”* (Apocalipse 2.9). O verdadeiro cristão é o único homem realmente rico e sábio.

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

2

Dia

Advertência Contra Solicitude pelas Coisas desta Vida

Lucas 12.22-31

Encontramos nestes versículos uma coletânea de argumentos notáveis contra a solicitude pelas coisas dessa vida. A princípio, alguns podem julgá-los simples e banais. Porém, quanto mais forem ponderados, tanto mais importantes eles se mostrarão. Uma recordação permanente destes argumentos resguardaria muitos crentes de imensos problemas.

Cristo nos ordena observar as aves dos céus, as quais *“não semeiam, nem ceifam, não têm despensa nem celeiros”*, todavia, Deus as sustenta. Ora, se o Criador de todas as coisas providencia alimento para satisfazer as necessidades dos pássaros e dispõe as coisas de modo que eles tenham uma provisão diária de comida, com certeza não devemos temer que deixará famintos os seus filhos espirituais.

Cristo nos ordena observar os lírios do campo: *“Eles não fiam, nem tecem. Eu, contudo, vos afirmo que nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles”*. Ora, se a cada ano Deus reveste essas flores com novos botões e pétalas, certamente não podemos duvidar de seu poder para fornecer aos seus servos crentes todas as vestimentas necessárias.

Cristo nos ordena recordar que um crente deveria se envergonhar de sentir-se ansioso à semelhança dos incrédulos. Os pagãos *“de todo o mundo”*, com razão, podem ficar cuidadosos a respeito de alimento, vestimentas e coisas do tipo. Estão mergulhados em profunda ignorância e nada sabem no que concerne ao caráter de Deus. Mas a pessoa que pode dizer: *“Deus é meu Pai; Cristo é meu Salvador”*, com certeza deveria superar tais ansiedades e inquietações. Uma fé íntegra deveria produzir um coração tranquilo.

Cristo também nos ordena pensar sobre o perfeito conhecimento de Deus. Somente um pensamento deveria nos contentar: *“Vosso Pai sabe que necessitais”* de alimento e vestes. Todas as nossas necessidades são plenamente conhecidas pelo Senhor do céu e da terra. Ele pode suprir as necessidades, sempre que julgar conveniente, e há de supri-las sempre que isso for bom para a nossa alma.

Vimos quatro argumentos que precisam ser guardados no profundo de nosso coração e produzir frutos em nossa vida. Nada é mais comum do que um espírito inquieto e atribulado, e nenhuma outra coisa prejudica tanto a utilidade e a paz interior do crente. Ao contrário disso, nenhuma coisa glorifica tanto a Deus quanto um espírito satisfeito em meio às aflições temporais. Traz consigo uma realidade que mesmo os incrédulos podem entender. Recomenda nosso cristianismo e o torna agradável aos olhos dos homens. A fé, somente a fé, produz um espírito satisfeito. O homem que pode dizer com ousadia: *“O SENHOR é o meu pastor”* também é aquele que será capaz de acrescentar que *“nada me faltará”* (Salmo 23.1).

Temos nestes versículos um elevado padrão de vida recomendado a todos os crentes. Está contido em uma simples e curta exortação: *“Buscai, antes de tudo, o seu reino”*. Não devemos gastar nossos melhores pensamentos nas coisas deste mundo, vivendo como se

tivéssemos apenas o corpo. Temos de viver como criaturas que possuem almas imortais que serão perdidas ou salvas, temos uma morte a enfrentar, um Deus com quem teremos de encontrar, um julgamento que nos espera e uma eternidade a passar no céu ou no inferno.

Quando podemos dizer que estamos buscando o reino de Deus? Nós o buscamos quando nosso principal objetivo é garantir um lugar entre o número dos salvos, tendo nossos pecados perdoados, nosso coração regenerado e nós mesmos preparados para receber uma parte da herança dos santos na luz. Buscamos o reino de Deus quando damos o primeiro lugar de nossos pensamentos aos interesses desse reino, quando trabalhamos para aumentar o número dos súditos de Deus e nos esforçamos para manter a obra de Deus e promover a glória dele no mundo.

O reino de Deus é o único digno de trabalharmos por ele. Todos os outros reinos, mais cedo ou mais tarde, passarão. Os estadistas que os edificam se assemelham a homens que constroem casas de papel ou a crianças que fazem castelos de areia na praia. A riqueza que constitui a grandeza de tais reinos está sujeita a derreter-se, assim como a neve na primavera. O reino de Deus é o único que permanecerá para sempre. Felizes são os que pertencem a esse reino, amam-no, vivem e oram por ele, labutando em favor de seu aumento e prosperidade. O labor dessas pessoas não será inútil. Devemos procurar, com diligência cada vez maior, confirmar a nossa chamada para esse reino. Nosso constante aviso a nossos filhos, amigos, parentes, empregados e vizinhos deve ser este: *“Buscai, antes de tudo, o reino de Deus”*.

Por último, encontramos nestes versículos uma promessa maravilhosa assegurada a todos os que buscam o reino de Deus. Nosso Senhor declarou: *“E estas coisas vos serão acrescentadas”*. Precisamos estar atentos para não entendermos erroneamente o significado das palavras de Jesus. Não temos o direito de imaginar que os empresários crentes que negligenciam seus negócios sob a pretensão de zelo pelo reino de Deus terão prosperidade e tudo lhes sairá bem. Atribuir esse significado a esta promessa seria nada menos do que fanatismo e entusiasmo; incentivaria a preguiça nos negócios e daria aos inimigos de Deus ocasião de blasfêmia.

O homem a quem pertence essa promessa é o crente que dá às coisas de Deus seu devido lugar. Ele não negligencia as obrigações mundanas de sua posição, mas as considera infinitamente menos importantes do que as exigências de Deus. Não omite a devida atenção aos seus afazeres temporais, mas as reputa menos significativas do que os interesses de sua alma. Em resumo, seu alvo em todo seu viver diário é colocar Deus em primeiro lugar e, as coisas do mundo, em segundo; seu objetivo é dar o segundo lugar às coisas de sua vida física e, o primeiro, às coisas de sua alma. Esse é o homem a quem Jesus diz: *“Estas coisas vos serão acrescentadas”*.

De que maneira Deus cumpre a promessa? A resposta é simples e curta. A pessoa que busca em primeiro lugar o reino de Deus jamais terá falta de qualquer coisa que resulta em seu bem. Talvez ela não tenha tanta saúde quanto as outras. Talvez não tenha tanta riqueza quanto outras pessoas. Provavelmente não tem uma mesa farta ou comida de reis. Mas sempre terá o suficiente. *“O seu pão lhe será dado, as suas águas serão certas”* (Isaías 33.16). *“Todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus”* (Romanos 8.28). *“O SENHOR dá graça e glória; nenhum bem sonega aos que andam retamente”* (Salmo 84.11).

Disse Davi: *“Fui moço e já, agora, sou velho, porém jamais vi o justo desamparado, nem a sua descendência a mendigar o pão”* (Salmo 37.25). AMÉM!

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

3

Dia

Lucas 12.32-42

A Consolação do Crente

Esta passagem contém uma graciosa consolação para todo crente verdadeiro. O Senhor Jesus conhecia muito bem o coração de seus discípulos e sabia que tinham disposição para ficarem cheios com todos os tipos de temores, temores por serem poucos em número, temores por causa da multidão de seus inimigos, temores por causa das muitas dificuldades que enfrentariam em sua jornada, temores por causa de seu senso de fraqueza e indignidade. Ele respondeu aos seus muitos temores pronunciando uma sentença simples, mas preciosa: *“Não temais, ó pequenino rebanho; porque vosso Pai se agradou em dar-vos o seu reino”*.

Os crentes constituem o *“pequeno rebanho”*. Sempre foi assim, desde o início do mundo. Existem muitas pessoas que professam ser servos de Deus. Milhares de milhares são aqueles que já receberam o batismo em nossos dias, mas os verdadeiros crentes são poucos. É tolice nos surpreendermos com isto. É inútil esperarmos que será diferente até à volta de nosso Senhor. *“Porque estreita é a porta, e apertado, o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela”* (Mateus 7.14).

Há um glorioso *“reino”* esperando pelos crentes. Neste mundo, frequentemente eles são escarnecidos, ridicularizados, perseguidos e, assim como seu Senhor, desprezados e rejeitados pelos homens. Mas *“os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós”* (Romanos 8.18). *“Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então, vós também sereis manifestados com ele, em glória”* (Colossenses 3.4). Os crentes são muitíssimo amados por Deus, o Pai. Agradou ao Pai dar-lhes um reino. Ele não os recebe com indisposição, relutância e indiferença. O Pai se alegra nos crentes como membros de seu amado Filho, em quem o Pai encontra intensa satisfação. Deus os considera seus filhos queridos em Cristo; não vê imperfeições neles. Mesmo agora, quando dos céus Ele se inclina para contemplá-los em meio a suas fraquezas, sente-se satisfeito e, no futuro, quando se apresentarem diante dele em glória, os receberá com exultação (Judas 1.24).

Somos membros do pequeno rebanho de Cristo? Então, com certeza não precisamos ficar temerosos. Deus nos outorgou *“as suas preciosas e mui grandes promessas”* (2 Pedro 1.4). Somos de Deus e de Cristo. Maiores são os que estão ao nosso lado do que aqueles que estão contra nós. O mundo, a carne e o diabo são inimigos poderosos. Mas, tendo Cristo ao nosso lado, não precisamos temer coisa alguma.

Somos exortados nestes versículos a procurarmos tesouro no céu. *“Vendei os vossos bens”*, disse nosso Senhor, *“dai esmola; fazei para vós outros bolsas que não desgastem, tesouro inextinguível nos céus”*. Mas isso não é tudo. Um princípio magnífico e perscrutador é estabelecido para enfatizar a exortação: *“Onde está o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração”*.

A linguagem desta exortação, sem dúvida, é figurada. Entretanto, seu significado é evidente e inconfundível. Temos de vender, ou seja, negar a nós mesmos e abandonar

qualquer coisa que obstrui o caminho da salvação de nossa alma. Precisamos dar, ou seja, demonstrar caridade e gentileza a todos, estando mais dispostos a gastar nosso dinheiro em ajuda aos outros do que guardá-lo para satisfazer nossos propósitos egoístas.

Temos de fazer para nós mesmos tesouros nos céus, ou seja, assegurar-nos de que nosso nome está inscrito no Livro da Vida, apropriar-nos da vida eterna, acumular evidências de que suportaremos a inspeção do Dia do Juízo. Nisso consiste a sabedoria e a prudência verdadeira. O homem que faz o bem a si mesmo é aquele que desiste de tudo por amor a Cristo.

Ele faz a melhor de todas as trocas. Por alguns anos, ele leva a cruz neste mundo; porém, no mundo por vir desfrutará da vida eterna. Ele obtém o mais valioso de todos os bens. Ele leva consigo suas riquezas para além do sepulcro. É rico em graça nesta vida e no porvir. E, o melhor de tudo, ele jamais perderá aquilo que obtém pela fé; é *“a boa parte”* que *“não lhe será tirada”*.

Desejamos saber o que realmente somos? Procuremos saber se temos um tesouro nos céus ou se todas as nossas coisas encontram-se na terra. Você deseja saber qual é o seu tesouro? Perguntemos a nós mesmos o que mais amamos. Este é o verdadeiro teste de nosso caráter e é a vitalidade de nosso cristianismo. Pouco importa o que falamos, o que professamos, o pregador que admiramos ou que igreja frequentamos. O que mais amamos? Em que estão colocadas nossas afeições. Essa é a grande questão. *“Onde está o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração.”*

Por último, observemos nestes versículos uma figura instrutiva a respeito da atitude de espírito que o verdadeiro crente deve se esforçar para manter. Nosso Senhor nos instrui a ser *“semelhantes a homens que esperam pelo seu senhor”*. Devemos viver como servos que aguardam o retorno de seu senhor, cumprindo nossos deveres e deixando de fazer aquilo que não desejaríamos ser encontrados praticando, quando nosso Senhor voltar.

O padrão de vida aqui apresentado por nosso Senhor é bastante elevado - tão elevado, que alguns crentes estão dispostos a se esquivarem dele e sentirem-se desanimados. No entanto, não existe nada nesta passagem que deva causar temor no crente. Prontidão em aguardar o retorno de Cristo a este mundo não implica em atitudes que sejam impossíveis ou inatingíveis; não exige a perfeição dos anjos ou que um homem abandone sua família e retire-se à solidão; não exige mais do que uma vida de arrependimento, fé e santidade. A pessoa que está vivendo pela fé no Filho de Deus é aquela que tem o corpo *“cingido”* e acesas *“as candeias”*. Esse tipo de pessoa talvez tenha de cuidar dos *“negócios”* de um reino terreno, assim como Daniel, ou seja, um empregado na casa de uma autoridade governamental, assim como alguns crentes que trabalhavam no palácio de Nero, na época do apóstolo Paulo. Mas todas essas coisas não significam nada para ele. Se vive com seus olhos fitos em Jesus, é um servo que, ao voltar seu Senhor, quando vier e bater à porta, logo ele a abrirá. Certamente não é demais ordenar aos crentes que sejam pessoas desse tipo. Não foi em vão que nosso Senhor afirmou: *“À hora em que não cuidais, o Filho do Homem virá”*.

Estamos vivendo como pessoas que estão prontas para a segunda vinda de Cristo? Seria bom se com mais frequência esta pergunta fosse dirigida à nossa consciência. Ela nos

guardaria de muitos passos errados em nossa vida diária. Evitaria que muitos se afastassem de Cristo. O verdadeiro crente não deve apenas crer e amar a Cristo. Também deve contemplar e esperar com ardor a volta de Cristo. Se de todo o coração ele não é capaz de clamar “*vem, Senhor Jesus*”, alguma coisa está errada em sua alma.

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

4

Dia

O Elogio ao Crente que Faz como o Senhor Ordena

Lucas 12.41-48

Todos os crentes devem considerar a imensa importância de um cristianismo ativo, prático, diligente e útil. Temos aqui uma lição imensamente necessária na igreja de Cristo. *“Bem-aventurados aqueles servos a quem seu senhor, quando vier, achar fazendo assim.”*

Ouvimos muito a respeito das intenções, sentimentos, esperanças e desejos de pessoas salvas. Seria bom ouvirmos mais sobre aquilo que elas praticam. O servo que Jesus chamou bem-aventurado não é o que será achado desejando ou fazendo afirmações e, sim, o que estiver *“fazendo assim”*.

Infelizmente é uma lição que muitos evitam ensinar e que um número ainda maior não quer receber. Somos seriamente ensinados que falar sobre *“fazer”* e *“trabalhar”* é legalismo e coloca os crentes debaixo de escravidão. Tais observações jamais devem nos inquietar. Elas refletem ignorância e perversidade. A lição ministrada nestes versículos não se refere à justificação, mas à santificação; não se refere à fé e, sim, à santidade. A ideia central não é o que o homem deve fazer para ser salvo, mas o que o salvo deve fazer. O ensino das Escrituras sobre este assunto é claro. Uma pessoa salva é solícita *“na prática de boas obras”* (Tito 3.8). O desejo de um verdadeiro cristão é ser encontrado *“fazendo assim”*.

Se amamos a vida, pela graça de Deus resolvamos ser crentes que estão *“fazendo assim”*. Isto significa ser como Cristo, que andou por toda parte *“fazendo o bem”* (Atos 10.38). Significa ser semelhante aos apóstolos (eles foram homens de realizações, mais do que homens de palavras) e equivale a glorificar a Deus: *“Nisto é glorificado meu Pai, em que deis muito fruto; e assim vos tornareis meus discípulos”* (João 15.8). Isto significa ser útil ao mundo: *“Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus”* (Mateus 5.16).

O Senhor nos fala nestes versículos também sobre o terrível perigo daqueles que negligenciam as obrigações de sua chamada. Nosso Senhor falou que esses serão castigados e terão sua parte *“com os infiéis”*. Sem dúvida, estas palavras se aplicam especialmente aos ministros e ensinadores do evangelho. Entretanto, não devemos nos iludir com a ideia de que sua aplicação se limita a eles. Provavelmente elas foram pronunciadas com o propósito de transmitir uma lição para todos os que ocupam posições de alta responsabilidade. É um fato notável que, no início da passagem, Pedro indagou a Jesus: *“Senhor, proferes esta parábola para nós ou também para todos?”*, mas não recebeu nenhuma resposta. Qualquer pessoa que ocupa uma posição de confiança e negligencia suas obrigações fará bem se meditar nesta passagem e dela receber sabedoria.

A linguagem que nosso Senhor utilizou, ao referir-se a servos negligentes e infiéis, é peculiarmente severa. Poucas passagens dos evangelhos contêm linguagem tão forte. É uma ilusão inútil supor que o evangelho fala somente *“coisas amáveis”*. O Salvador amável sustenta a sua misericórdia até o fim para aquele que se arrepende e crê, mas Ele também não se

esquiva de enviar juízo de Deus sobre aqueles que rejeitam seu conselho. Não permitamos que ninguém nos engane neste assunto. Existe o inferno para todos os que durante sua vida permanecem na impiedade, assim como existe o céu para aquele que crê em Jesus. Realmente há uma coisa chamada *“a ira do Cordeiro”* (Apocalipse 6.16).

Esforcemo-nos para viver de tal modo que, na ocasião em que nosso Senhor voltar, sejamos encontrados prontos para recebê-lo. Vigiemos nosso coração com ardente zelo e acatelemo-nos da mais insignificante evidência de que estamos despreparados para a volta do Senhor. Em especial, guardemo-nos de qualquer disposição que brotar do coração para diminuir nosso padrão de santidade cristã, para rejeitar pessoas que são mais espirituais do que nós mesmos e para nos conformarmos com o mundo. Logo que detectarmos essa disposição em nosso íntimo, podemos estar certos de que nossa alma se encontra em grande perigo. Aquele que professa ser cristão e começa a perseguir o povo de Deus e a encontrar prazer na sociedade mundana está no caminho largo que conduz à perdição.

Por último, aprendemos destes versículos que, quanto maior a luz espiritual possuída por uma pessoa, tanto maior será a sua culpa, se permanecer na incredulidade. O servo que *“conheceu a vontade de seu senhor”* e não *“fez segundo a sua vontade será punido com muitos açoites”*. *“Àquele a quem muito foi dado, muito lhe será exigido; e àquele a quem muito se confia, muito mais lhe pedirão.”*

A lição contida aqui tem aplicação ampla e exige a atenção de muitos tipos de pessoas. Deveria comover a consciência de todos os crentes. O julgamento deles será mais severo do que o dos incrédulos que nunca tiveram a Bíblia em suas mãos. Isto deveria impressionar todos os que têm a liberdade de ler as Escrituras. A responsabilidade do crente é maior do que a de um católico dominado pelos padres, o qual está privado da aplicação correta da Palavra de Deus. É uma lição que deveria enternecer todos os que ouvem o evangelho. Se permanecerem não-convertidos, serão mais culpados do que os habitantes de um obscuro lugar que nunca ouviram o ensino das Escrituras e vivem de acordo com um padrão de moralidade muito baixo. É uma lição que deveria comover todos os filhos e empregados de famílias evangélicas; eles são mais dignos de culpa aos olhos de Deus do que aqueles que vivem em lares onde as pessoas não tributam qualquer honra à Palavra de Deus e à oração. São lições que jamais devem ser esquecidas. Nosso julgamento, no último dia, será de acordo com a luz e oportunidades que tivemos.

O que nós mesmos estamos fazendo com nosso conhecimento espiritual? Estamos utilizando-o com sabedoria e considerando-o com importância? Ou estamos contentes com a afirmativa vazia: *“Eu sei ... eu sei”* e nos bajulamos intimamente, dizendo que o conhecimento de nosso Senhor nos tornará melhor do que os outros, ao mesmo tempo em que não fazemos a vontade dele? Estejamos atentos para não cometermos tais erros. Virá o dia em que será comprovado que o conhecimento não praticado é a pior de todas as possessões. Muitos acordarão para descobrir que se encontram em situação pior do que a de muitos incrédulos idólatras e ignorantes acerca das Escrituras. Não utilizaram o conhecimento espiritual que possuíam, nem seguiram a luz que tiveram; tais coisas apenas servirão para aumentar-lhes a condenação.

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

5

Dia

Lucas 12.49-53

O Zelo do Senhor por Sua Obra

As declarações de nosso Senhor nestes cinco versículos são peculiarmente importantes e sugestivas. Desvendam verdades que abençoariam a todo crente, se este as observasse e guardasse no coração. Esclarecem fatos a respeito da igreja e do mundo que, à primeira vista, parecem difíceis de entender.

O coração de Cristo estava completamente determinado a consumir a obra que viera realizar no mundo. Ele disse: *“Tenho (...) um batismo com o qual hei de ser batizado”*, um batismo de sofrimento, agonia, sangue e morte. Contudo, nenhuma dessas coisas o fez recuar. Ele acrescentou: *“Quanto me angustio até que o mesmo se realize!”*. A contemplação das aflições vindouras não o fizeram parar por um momento sequer. Ele estava pronto e decidido a suportar todas as coisas, a fim de providenciar eterna redenção para seu povo. O zelo pela causa que Ele tomara em suas mãos era semelhante a um fogo ardente em seu espírito. Promover a glória de Deus, abrir a porta da vida para um mundo perdido, estabelecer uma fonte de purificação de todo pecado e impureza por meio do sacrifício de si mesmo - esses eram propósitos que ocupavam os mais elevados pensamentos de nosso Senhor. Ele estava angustiado de espírito, até que essa obra grandiosa fosse consumada.

Sempre tenhamos em mente a verdade de que todos os sofrimentos de Cristo em nosso favor foram suportados espontaneamente, com toda a sua liberdade de escolha. Ele não se sujeitou com passividade a tais sofrimentos apenas porque era incapaz de evitá-los. Ele não os suportou sem qualquer murmuração somente porque não podia escapar. Ele viveu de maneira humilde durante trinta e três anos simplesmente porque preferiu viver assim. Com um espírito voluntário e disposto, o Senhor Jesus sofreu uma morte agonizante. Tanto na vida quanto na morte, estava levando a cabo o eterno conselho pelo qual Deus seria glorificado e, os pecadores, salvos. Ele o consumou com todo o seu coração, ainda que envolvia intenso sofrimento em referência à sua carne e ao seu sangue. Ele se deleitava em fazer a vontade de Deus. Estava angustiado até que ela se cumprisse.

Não duvidemos que o Senhor Jesus, estando hoje no céu, manifesta os mesmos sentimentos demonstrados enquanto esteve na terra. Agora Ele tem um profundo interesse na salvação de pecadores, assim como o tinha antes de morrer no lugar deles. Jesus nunca muda; Ele é o mesmo ontem, hoje e para sempre. Em Cristo existe uma infinita voluntariedade para receber, perdoar, justificar as almas dos homens, livrando-as do inferno. Esforcemo-nos para compreender essa voluntariedade e aprender a crer nela, não duvidando, e a descansar nela, sem temor. É verdade que Cristo está mais disposto a nos salvar do que nós mesmos a sermos salvos.

O zelo de nosso Senhor e Mestre deve se tornar um exemplo para todo o seu povo. A recordação da ardente voluntariedade para morrer por nós precisa se tornar uma brasa ardente em nossa memória e nos constranger a viver para ele e não para nós mesmos. Com

certeza, pensar nessa voluntariedade deve despertar nosso coração dormente e aguçar nossas afeições indiferentes, tornando-nos ansiosos por remir o tempo e fazer algo para a glória de Deus. Um Salvador zeloso deve ter discípulos zelosos.

Aprendemos desses versículos quão inútil é alguém esperar que haja paz e harmonia universal como resultado da pregação do evangelho. Os discípulos, assim como muitos dos judeus de sua época, talvez esperassem que o reino do Messias logo se manifestasse. Imaginavam que havia chegado o tempo em que o lobo habitaria junto ao cordeiro e os homens não mais fariam qualquer mal (Isaías 11.6 e 9). Nosso Senhor percebeu o que se passava no coração deles e silenciou suas esperanças com uma afirmação admirável: *“Eu vim para lançar fogo sobre a terra e bem quisera que já estivesse a arder”*.

A princípio existe algo bastante admirável nestas palavras. Parecem contradizer o cântico dos anjos, que proclamaram *“paz na terra”* como algo que acompanharia o evangelho de Cristo (Lucas 2.14). Embora a mensagem dos anjos pareça admirável, é um dos fatos que tem sido comprovado como literalmente verdadeiro. A paz, sem dúvida, é um dos resultados do evangelho, onde quer que este seja crido e aceito. Mas onde existem ouvintes do evangelho que são empedernidos de coração, impenitentes e determinados a permanecer no pecado, a própria mensagem da paz se torna causa de divisão. Aqueles que vivem segundo a carne odiarão aqueles que vivem segundo o Espírito. Aqueles que estão decididos a viver para o mundo sempre serão influenciados a fazer o mal àqueles que resolveram servir a Cristo. Lamentamos esse estado de coisas, mas não podemos impedi-lo. A graça divina e as disposições naturais do homem não podem ser unificadas, assim como o óleo e a água não se misturam. Enquanto os homens discordarem a respeito dos princípios fundamentais do cristianismo, não haverá cordialidade genuína entre eles. Enquanto alguns forem convertidos e outros, incrédulos, não pode haver paz verdadeira.

Acautelemo-nos de possuir expectativas sem bases bíblicas. Se esperamos ver as pessoas manifestando possuir uma só mente e um só coração, antes de serem convertidas, seremos constantemente desapontados. Milhares de pessoas bem intencionadas, em nossos dias, com frequência estão clamando por mais *“união”* entre os cristãos. Para alcançar isso, elas estão prontas a sacrificar quase tudo e desprezar inclusive a sã doutrina, se, ao fazerem isso, puderem se sentir seguras de que têm paz. Tais pessoas farão bem se recordarem que mesmo o ouro pode ser adquirido a um preço muito elevado e que a paz é inútil, se for conseguida ao custo da verdade. Com certeza, elas esqueceram as palavras de Cristo: *“Não penseis que vim trazer paz à terra; não vim trazer paz, mas espada”* (Mateus 10.34).

Jamais nos permitamos ser desmotivados por aqueles que acusam o evangelho de ser a causa de contendas e divisões na terra. Tais pessoas apenas demonstram sua ignorância quando falam desta maneira. Não é o evangelho, mas o corrupto coração do homem que deve receber a culpa. Não é o glorioso remédio de Deus que se encontra em deficiência, mas a natureza enferma da raça de Adão, que, à semelhança de uma criança voluntariosa, rejeita o remédio que Deus providenciou para lhe trazer a cura. Enquanto existirem homens e mulheres que recusam se arrepender e crer e existirem outros que se arrependem e creem, haverá divisões. Ficar surpreso diante disso é o cúmulo da tolice. A própria existência de divisões é uma prova da presciência de Cristo e uma comprovação da veracidade da Palavra de Deus.

Sejamos gratos a Deus porque está chegando o dia em que não mais haverá divisões na terra e que todos serão unânimes em seus pensamentos. Essa época será quando Jesus, o Príncipe da Paz, voltará pessoalmente à terra e colocará todos os seus inimigos debaixo de seus pés. Quando Satanás for amarrado, os ímpios forem separados dos justos e cada um colocado em seu devido lugar, somente então haverá paz perfeita. Vigiem, aguardemos e oremos por essa bendita época. A noite está quase findando; o dia, quase a amanhecer. Nossas divisões durarão pouco tempo e nossa paz permanecerá por toda a eternidade.

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

6

Dia

O Dever de Observar os Sinais dos Tempos

Lucas 12.54-59

Os judeus da época de Jesus negligenciaram esse dever. Fecharam os seus olhos para os eventos extremamente significativos que estavam acontecendo em seus próprios dias. Recusaram-se a perceber que profecias estavam se cumprindo diante de seus olhos, profecias relacionadas à vinda do Messias, e que o próprio Messias estava entre eles. O cetro havia sido levantado de Judá e, o bastão, de entre seus pés (Gênesis 49.10). As setenta semanas de Daniel estavam cumpridas (Daniel 9.24). O ministério de João Batista havia despertado a atenção de todos, de uma à outra extremidade do país. Os milagres de Cristo eram inumeráveis, inegáveis, notórios. No entanto, os olhos dos judeus continuaram cegos. Eles se recusavam obstinadamente a crer que Jesus era o Cristo. Por conseguinte, ouviram de nosso Senhor a indagação: *“Não sabeis discernir esta época?”*.

Convém aos servos de Deus observar os acontecimentos de sua época e compará-los com as predições de profecias que ainda não se cumpriram. Não existe nada nas Escrituras que recomende a atitude de ignorância e indiferença quanto à história contemporânea. Pelo contrário, o verdadeiro cristão deve observar, com atenção diligente, o curso de governos e nações, saudando com júbilo o menor indício de que o Dia do Senhor está às portas. O crente que não pode ver a mão de Deus na História e não crê que Ele está levando todos os reinos à época da sujeição final de todas as coisas à autoridade de Cristo é tão cego quanto os judeus.

Recordemos as palavras de nosso Senhor proferidas naquela ocasião e não erremos, agindo de maneira semelhante aos judeus daquela época. Não sejamos cegos, surdos e insensíveis a tudo o que Deus está fazendo, tanto na igreja quanto no mundo. Os fatos são significativos. Não aconteceram por acaso ou acidente, mas por determinação divina. Não devemos duvidar que constituam uma chamada à vigilância e uma preparação para o Dia de Deus. Tenhamos todos nós ouvidos para ouvir e coração para entender. Não devemos dormir, assim como muitos o fazem, mas vigiar e discernir nossa época. O livro de Apocalipse nos apresenta uma advertência solene: *“Se não vigiares, virei como ladrão, e não conhecerás de modo algum em que hora virei contra ti”* (Apocalipse 3.3).

Somos ensinados sobre a imensa importância de buscar a reconciliação com Deus antes que seja tarde demais. Nosso Senhor nos ensina por meio de uma parábola ou de uma comparação. Ele nos compara a um homem que está a caminho para se encontrar com um magistrado juntamente com um adversário, por causa de uma questão ou disputa, e descreve a maneira de agir que esse homem deve seguir. Assim como esse homem, todos estamos caminhando em direção à presença de um Juiz. Todos compareceremos diante do tribunal de Deus. Assim como esse homem, todos temos um adversário. A santa lei de Deus está contra nós e suas exigências precisam ser satisfeitas. Assim como esse homem, precisamos ser diligentes para resolver nosso caso, antes que ele chegue ao Juiz. Temos de procurar perdão e misericórdia antes de morreremos. À semelhança desse homem, se deixarmos escarpar a oportunidade, o juízo virá contra nós e seremos lançados na prisão do inferno. Este parece ser

o significado da parábola contada nessa ocasião. É uma ilustração vívida da preocupação que uma pessoa deve ter em referência ao importante assunto da reconciliação com Deus.

A paz com Deus é, antes de tudo, a principal coisa do verdadeiro cristianismo. Somos nascidos em pecados e filhos da ira. Não possuímos qualquer amor natural para com Deus. O pendor da carne é inimizade contra Deus. É impossível que Deus tenha prazer em nós. O Senhor abomina o ímpio (Salmo 11.5). O primeiro e maior desejo de todos os que professam ter qualquer forma de cristianismo é obter a reconciliação com Deus. Enquanto alguém não a receber, nada lhe aproveitará. Não teremos coisa alguma de valor em nosso cristianismo, se não tivermos paz com Deus. A lei nos torna culpados. O julgamento certamente será contra nós. Sem reconciliação, o fim da jornada de nossa vida será o inferno.

A paz com Deus é a principal coisa que o evangelho de Cristo oferece às almas. A paz e o perdão são os primeiros itens na lista de privilégios do evangelho e são oferecidos gratuitamente a todos que creem em Jesus. Existe Alguém que pode nos livrar do adversário. Cristo é o fim da lei para justiça de todo aquele que crê. Ele nos redimiou da maldição da lei, tendo sido feito maldição em nosso lugar. Cristo cancelou o escrito de dívida que era contra nós e removeu-o de nosso caminho, encravando-o na cruz. Sendo justificados pela fé, temos paz com Deus por intermédio de nosso Senhor, Jesus Cristo. Não existe qualquer condenação para aqueles que estão em Cristo. As reivindicações de nosso adversário foram satisfeitas pelo sangue de Cristo. Agora Deus pode ser justo e o justificador de todo aquele que crê em Jesus. Uma expiação completa foi realizada e, o débito, completamente pago. O Juiz pode dizer: *“Redime-o (...) achei resgate”* (Jó 33.24).

Jamais descansemos até saber e experimentar que estamos reconciliados com Deus. Não estejamos contentes apenas em ir à igreja, servir-nos dos meios da graça e ser reconhecidos como cristãos, se não tivermos a certeza de que nossos pecados estão perdoados e, nossa alma, justificada. Procuremos ter certeza de que estamos unidos a Cristo, de que Ele está em nós, de que nossas iniquidades estão perdoadas e nossos pecados cobertos. Somente quando tivermos esta certeza nossa alma poderá descansar em paz e aguardar o julgamento, sem temor. Nosso tempo é breve. Estamos viajando em direção ao dia em que será determinado nosso quinhão na eternidade. Sejam diligentes para sermos encontrados em segurança naquele dia. As almas que estiverem sem Cristo serão lanças das na prisão do desespero.

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

7

Dia

A Absoluta Necessidade de Arrependimento

Lucas 13.1-5

O assassinato dos galileus mencionado nos versículos iniciais deste capítulo é um acontecimento sobre o qual não temos muita informação exata. Os motivos daqueles que o relataram a nosso Senhor são deixados à especulação. De qualquer modo, deram-lhe oportunidade de falar-lhes sobre suas próprias almas, uma oportunidade que nosso Senhor aproveitou muito bem. Ele lançou mão desse acontecimento, conforme era seu costume, e o utilizou de maneira prática. Ele exortou seus informantes a examinarem seus próprios corações e a pensarem a respeito de seu estado diante de Deus. Parece que Ele pretendia dizer: *“Que importa se aqueles galileus morreram subitamente? Em que isso é importante para vocês? Considerem seus próprios caminhos. A menos que se arrependam, vocês também perecerão”*.

Primeiramente, devemos observar nestes versículos que as pessoas se mostram mais dispostas a conversar a respeito da morte de outros do que a respeito de sua própria morte. O assassinato daqueles galileus provavelmente era assunto comum das conversas diárias em Jerusalém e toda a Judéia. Podemos crer que todas as circunstâncias e particularidades do acontecimento estavam sendo constantemente discutidas por milhares de pessoas que nunca pensavam acerca de sua própria morte. O mesmo acontece hoje. Um assassinato, uma morte repentina, um naufrágio e um acidente de carro absorverão completamente os pensamentos de muitos e estarão nos lábios de todos com os quais nos encontrarmos. No entanto, essas mesmas pessoas detestam falar sobre a morte delas mesmas e sobre suas esperanças referentes ao mundo do além-túmulo. Assim é a natureza humana em todas as épocas. No que se referem a assuntos espirituais, as pessoas estão mais dispostas a falar sobre a situação dos outros do que sobre a delas mesmas.

O estado de nossa própria alma deve sempre ser nossa primeira preocupação. É eminentemente verdadeiro que o cristianismo autêntico começa em nosso próprio coração. O homem convertido sempre pensará primeiramente a respeito de sua própria vida, coração, pecados e castigo. Ele ouve acerca de uma morte súbita? Dirá a si mesmo: *“Estaria preparado, se tivesse acontecido a mim?”*. Ele ouve a respeito de um crime terrível ou do assassinato de um ímpio? Dirá a si mesmo: *“Meus pecados estão perdoados? Arrependi-me de todas as minhas transgressões?”*. Ele ouve falar de um homem mundano que vive em excesso de pecado? Dirá a si mesmo: *“Quem me tornou diferente? O que me impediu de estar naquela mesma situação, se não a livre graça de Deus?”* Procuremos sempre ter a mesma maneira de pensar. Devemos sentir piedade e compaixão por todos aqueles que sofrem violência e foram tirados deste mundo por meio de uma morte súbita. No entanto, jamais nos esqueçamos de examinar a nós mesmos e aprender sabedoria de tudo o que acontece aos outros.

Também devemos observar nestes versículos a intensidade profunda com que nosso Senhor estabeleceu a necessidade universal de arrependimento. Por duas vezes, ele declarou enfaticamente: *“Se não vos arrependerdes, todos igualmente perecereis”*. A verdade aqui

apresentada é um dos fundamentos do cristianismo. Todos *“pecaram e carecem da glória de Deus”* (Romanos 3.23). Todos nós somos nascidos em pecado. Somos propensos ao pecado e, por natureza, despreparados para a amizade com Deus. Duas coisas são absolutamente necessárias à salvação de cada um de nós. Temos de nos arrepender e crer no evangelho. Sem arrependimento para com Deus e a fé no Senhor Jesus ninguém poderá ser salvo.

A natureza do verdadeiro arrependimento está claramente delineada nas Escrituras. Começa com o reconhecimento do pecado, prossegue criando tristeza pelo pecado, leva-nos à confissão do pecado diante de Deus, manifesta-se diante dos homens por meio de um completo rompimento com o pecado. Resulta em produzir o hábito de profundo ódio ao pecado. Acima de tudo, o arrependimento está inseparavelmente unido à fé ativa no Senhor Jesus Cristo. Arrependimento desse tipo é a característica peculiar de todos os verdadeiros crentes.

A necessidade de arrependimento para a salvação se tornará evidente a todos os que examinam as Escrituras e consideram a natureza do arrependimento; sem ele, não existe o perdão dos pecados. Nunca existiu uma pessoa perdoada que antes também não tenha passado pela experiência do arrependimento. Jamais houve alguém lavado no sangue de Cristo que não sentiu, lamentou, confessou e odiou seus próprios pecados. Sem o arrependimento, a pessoa não está preparada para o céu. Não poderíamos ser felizes se chégássemos ao céu possuindo um coração que ama o pecado. A companhia dos santos e dos anjos jamais nos traria qualquer satisfação. Nossa mente não estaria em harmonia com uma santidade que perduraria para todo o sempre. Permitamos que tais verdades se arraiguem em nosso coração. Temos de nos arrepender e crer, se esperamos ser salvos.

Há uma pergunta que precisa ser feita: *“Já nos arrependemos?”*. Vivemos em um país supostamente cristão. Pertencemos a uma igreja cristã e podemos desfrutar das ordenanças de Cristo e dos meios da graça. Muitas vezes, temos ouvido mensagens sobre o arrependimento. Mas já nos arrependemos? Reconhecemos nossa pecaminosidade? Nossos pecados nos entristecem? Já clamamos a Deus, confessando-lhe nossos pecados e buscando perdão junto ao trono da graça? Cessamos de fazer o mal e abandonamos nossos hábitos maus? Com todo o nosso coração, odiamos tudo o que é mau? Estas são perguntas sérias. Merecem intensa consideração. O arrependimento não é um assunto insignificante. Nada menos do que a vida - a vida eterna - está em jogo. Se morrermos sem nos arrependermos e sem um novo coração, melhor seria jamais haveremos nascido.

Se nunca nos arrependemos, comecemos a fazê-lo sem demora. Somos responsáveis pelo nosso arrependimento. *“Arrependei-vos (...) e convertei-vos”* (Atos 3.19) foram as palavras de Pedro aos judeus que haviam crucificado nosso Senhor. *“Arrepende-te, pois, da tua maldade e roga ao Senhor”* (Atos 8.22) foi a exortação dirigida a Simão, o mago, quando se encontrou em *“fel de amargura e laço de iniquidade”*. Existem todos os motivos para nos encorajarem ao arrependimento. Cristo nos convida, as promessas das Escrituras nos foram dadas e, em toda a Bíblia, há muitas promessas gloriosas da parte de Deus afirmando sua disposição em nos receber: *“Há júbilo diante dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende”* (Lucas 15.10). Portanto, levantemo-nos e clamemos a Deus; arrependamo-nos sem demora.

Se já nos arrependemos, continuemos a nos arrepender durante o resto de nossa vida. Enquanto vivermos neste corpo, sempre existirão pecados a confessar e imperfeições a lamentar. Arrependamo-nos com mais franqueza e nos humilhemos mais completamente a cada ano. Cada novo aniversário que celebramos deve nos encontrar odiando mais o pecado e amando mais a Cristo. Um sábio crente do passado disse: *“Desejo levar meu arrependimento até à porta do céu”*.

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?